

# ESTUDANTES QUEREM PARTICIPAÇÃO NO BRASIL DE HOJE

Por Bárbara Dantine  
e Beatriz Macruz

O movimento estudantil no Brasil ficou marcado pelos grandes levantes e protestos que pontuaram o período da ditadura brasileira. Atualmente, estamos diante de uma conjuntura política muito diferente e o movimento estudantil reflete essas mudanças. Há quem diga que os estudantes se tornaram mais acomodados, que a mercantilização da universidade e da educação interferiram diretamente na atuação política universitária. No entanto, o movimento persiste como um dos raros espaços em que se coloca em questão os rumos políticos e ideológicos que o Brasil seguiu desde o fim da ditadura e o papel do jovem diante dessa conjuntura.

É importante ressaltar que o movimento estudantil é uma organização muito plural que reúne uma parcela muito ativa da sociedade, pois concentra o intenso momento de reflexão e aprendizado em que se encontram os estudantes universitários juntamente com um inconformismo político-ideológico que outros setores da sociedade já não partilham. Talvez por causa disso, o movimento estudantil experimente uma nostalgia de momentos históricos que não vivenciou, tais como o levante de Maio de 68 na França e a própria resistência à ditadura militar no Brasil durante as décadas de 60, 70 e 80.

É no que acredita Fernanda Ortega, estudante de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, e membro da atual gestão do CEUPS, o centro Acadêmico de Ciências Sociais da USP, pela chapa *Cirandeira*. "Sempre recordamos o que aconteceu... Os comícios enormes, com milhões de pessoas. É meio nostálgico porque a gente gostaria mesmo que os comícios tivessem tantas pessoas como naquela época, como em 1968, por exemplo, porque parecia que uma parte maior da população era mobilizada"

A referência a 1968 é inevitável, o ano se tornou um símbolo da militância estudantil em todo o mundo, por conta dos grandes protestos que eclodiram, primeiro na França, e depois mundo afora, contra a rigidez do sistema educacional, expressando os valores da contracultura dos anos 60. Para Fernanda, a principal diferença daquele momento em relação ao contexto atual é que "hoje em dia, temos uma sociedade muito mais opaca, é mais difícil saber quem são os inimigos e quem são os amigos do movimento. Na época da ditadura, por exemplo, era muito mais fácil saber que aquele governo era inimigo das causas do movimento, era muito evidente, tinha alguma coisa muito errada, ninguém tinha voz".

Já para o estudante de direito na PUC, Leonardo Danesi, que fez parte da gestão da chapa *Construção Coletiva* no Centro Acadêmico 22 de Agosto em 2010, "o movimento estudantil está muito partidário. Imagino que não fosse assim antigamente e havia uma pauta que unia to-

*Num cenário político nebuloso, movimento estudantil reitera a importância do ativismo*



Greve na USP em 2007

dos os estudantes, que era a luta pelo fim da repressão, das absurdas ilegalidades e dos abusos cometidos pelo regime, do autoritarismo..."

Em uma matéria publicada em setembro deste ano, o jornal *O Estado de S. Paulo* compilou depoimentos que argumentavam que o movimento estudantil atual carece de uma pauta tão unânime quanto a resistência à ditadura, o que ajudou a enfraquecê-lo. O movimento teria se voltado para questões fora do âmbito da universidade e da educação, como a disputa pelos recursos do pré-sal, ou para questões mais pontuais como a redução da tarifa da passagem de ônibus.

Fernanda não concorda que tenha havido esse distanciamento: "Na USP, e na PUC também, há muitas pautas que são ligadas diretamente à universidade. Não é à toa que teve uma ocupação na PUC agora, contra o aumento das mensalidades, e os principais atos que estão acontecendo nesse momento na USP estão voltados à reestruturação curricular".

Quanto às passagens de ônibus, acredita que também seja uma pauta estudantil, afinal encarece um dos principais meios de locomoção para a universidade, "querendo ou não, muitas pautas que parecem distantes, têm relação com a educação e a universidade, não podemos ficar alheios". Questões como o preconceito contra minorias sociais e mulheres "precisam ser discutidas porque é preciso mudar essa configuração e esse comportamento social em relação à toda a questão LGBT, a questão racial, ao feminismo, a questão da xenofobia e todos outros tipos de opressões. Essa é uma pauta que não deve ser só

do movimento estudantil, mas deveria ser de toda a sociedade. É importante especificamente para o movimento porque os estudantes estão justamente num momento de formação, e se isso não for discutido na universidade, que deveria ser um espaço livre de reflexão, onde mais vai ser?"

**Esquerda(s)** – Um dos desafios mais evidentes que o movimento estudantil enfrenta hoje é a articulação entre os diversos grupos políticos que nele militam. Segundo a já referida matéria do Estado de S. Paulo, trata-se de uma "geração Fórum Social Mundial", com jovens que acreditam que outro mundo mais justo é possível, mas não sabem ao certo como se faz para chegar lá.

Outro fator marcante dos movimentos estudantis hoje é a grande influência partidária. Segundo Leonardo, a UNE (União Nacional dos Estudantes) acompanhou todo o processo de transformação política que ocorreu no Brasil, expressando as visões de todos os movimentos, mas agora tem seus espaços muito ocupados pelo PT e o PCdoB. "Além de já ser influência partidária, são partidos vinculados ao governo, o que engessa o movimento e limita atuação da UNE". Para Fernanda, por causa da aproximação com o governo, a UNE corrobora questões com as quais nem todo o movimento estudantil compactua: "o governo cria projetos como o ProUni e o ReUni e a UNE acaba apoiando isso, e são projetos que em certa medida promovem uma mercantilização do ensino, já que dão dinheiro para instituições privadas para criação de bolsas, em vez de abrir novas vagas em universidades públicas e de investir no ensino público".

Fernanda também observa que muitos grupos políticos de estudantes acabam se tornando apenas porta-vozes de um determinado partido, sendo que participar do movimento acaba se tornando um trampolim para trabalhar na política futuramente. “Dependendo do grupo político, eles vão querer mais se autopromover do que fazer movimento estudantil de fato. O que quero dizer com ‘autopromover’ é cooptar mais pessoas para seus grupos e partidos... Isso acaba fragmentando muito mais o movimento estudantil, e desfoca as principais pautas do movimento para essa disputa partidária. Ao mesmo tempo há outros grupos que propõe uma relação muito mais horizontal entre grupo e partido e entre ambos com os estudantes – uma relação de diálogo.”

Para Fernanda, a desarticulação da esquerda, no entanto, parece ser um dos principais problemas. “O movimento estudantil é predominantemente de esquerda, e a esquerda de forma geral, após a ascensão do neoliberalismo, perdeu muita força e acabou se fragmentando muito. Nesses momentos de crise da esquerda, seus problemas internos ficam muito evidentes: a incapacidade de buscar novos formatos, o apego a modelos antigos, a falta de diálogo. A esquerda atual precisa de uma renovação, além de conteúdo, precisa descobrir como fazer. Todo mundo sabe que tem coisas erradas na universidade, mas a maneira de lidar com elas precisa ser repensada”.

O grupo Construção Coletiva, do qual Leonardo participou, procurou romper com a lógica representativa durante sua gestão no CA 22 de Agosto, propondo uma gestão horizontal, que, nas palavras de Leonardo “assegurasse a existência desse espaço aberto (seja uma plenária, seja uma assembléia), assegurasse o cumprimento das deliberações – que seriam conduzidas pelos estudantes interessados – e o atendimento aos princípios que regravam a participação no espaço aberto – um espaço que se propõe aberto deve ter princípios que garantam que ele realmente funcione dentro dessa lógica”.

Apesar dos “muitos avanços” que ele considera que a gestão alcançou, a proposta não teve a adesão esperada, e enfrentou dificuldades diversas para ser levada a cabo, entre as quais Leonardo destaca que há “uma cultura não participativa, uma cultura representativa, muito difícil de ser mudada” e que isso é um problema do movimento estudantil como um todo.

Problemas como a partidarização e a falta de diálogo ganham dimensão maior quando se dão em grupos que se identificam com uma mesma vertente político-ideológica, de esquerda. Tanto para Fernanda quanto para Leonardo, o movimento estudantil é sumariamente de esquerda. Segundo ele, “geralmente, os grupos de direita que conseguem CA não participam do movimento estudantil da universidade – pelo menos os que eu vejo na PUC – e os estudantes mais à direita não tem nem disposição de colar nesses espaços abertos de discussão política”.

**O que cabe aos estudantes** – Uma questão, afinal, permanece: por que fazer parte de um movimento político como o estudantil? Além de tudo, em torno de quatro ou cinco anos, o estudante (então formado) já não estará mais inserido no universo do movimento.

O que cabe aos estudantes, de fato? O debate de questões internas da educação ou de pautas mais gerais? O que são pautas mais gerais? Protestar por linhas de ônibus no campus ou pela reforma agrária?

Alguns parágrafos acima, Fernanda ensaiou uma espécie de resposta a essas perguntas – há pau-

Reprodução



**A Passeata dos 100 mil que ocorreu no dia 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro. Uma manifestação popular contra a ditadura organizada pelo movimento estudantil**

Reprodução



**Protestos contra o Collor que tiveram participação maciça dos estudantes**

Reprodução



**UNE em passeata por mais investimento na educação**

tas que deveriam ser de toda a sociedade, “e se isso não for discutido na universidade, que deveria ser um espaço livre de reflexão, onde mais vai ser?”.

Leonardo argumenta que o movimento estudantil é um espaço para o “fortalecimento do movimento contra-hegêmico de forma geral. Para mostrar que os estudantes não são passivos, que temos nossas vontades, nossas disposições, nossas idéias. É muito importante a existência do movimento estudantil como expressão dos estudantes diante da política universitária, que se enquadra num contexto maior, da sociedade, de forma a lutar por questões essenciais a uma vida acadêmica mais justa e solidária (ou fraternal) e, num âmbito maior, por uma sociedade mais justa e solidária (ou fraternal)”.

Motivos para combater não faltam. O Brasil pode estar em um momento de números bons e uma imagem favorável para quem vê de fora, mas muitos dos seus problemas continuam, assim como a negação deles por parte dos políticos. Muitas questões continuam intocadas e há grandes reformas estruturais precisando ser discutidas e planejadas. Para o estudante de jornalismo da PUC-SP, Stefano Wroblewski, que acaba de se juntar à Chapa Desassossego para a nova do Centro Acadêmico Benevides Paixão, “não adianta ficar reclamando e deixar as coisas acontecerem”. E militar no movimento é uma forma de impedir as “coisas” de acontecerem? Ele responde que “sempre foi assim, por isso que pode até parecer um clichê. Não é. Quem está no poder pode mudar tudo com uma canetada. E quem não está? Só se organizando e mobilizando contra”.

## História da UNE

A organização foi fundada durante o I Congresso Nacional dos Estudantes, em 1937 no Rio de Janeiro, e o objetivo inicial era a discussão de temas políticos e sociais.

Já na década de 40, a UNE defende o fim da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas e se posiciona contra o Nazifascismo, lutando para que o Brasil rompa com os países do Eixo, Alemanha, Itália e Japão. Nos anos 50, começa uma fase direitista na organização que era comandada por um grupo ligado à União Democrática Nacional (UDN).

Os anos 60 foram marcados por sua participação na Campanha da Legalidade, liderada por Leonel Brizola, pela posse de João Goulart. Em 64, representada pelo seu então presidente José Serra, a UNE participa do Comício da Central do Brasil, um dos últimos gritos de liberdade antes da ditadura, aonde foram debatidas questões como as reformas de base. Com o golpe de 31 de março a UNE é colocada na ilegalidade com a Lei Suplicy de Lacerda e passa a ser perseguida pelo governo militar e agir somente na clandestinidade.

Um episódio interessante ocorreu nesse primeiro momento do governo militar, quando o exército invadiu a Faculdade Nacional de Direito e apreendeu documentos e acervos históricos do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO), que continham as atividades da instituição. O prédio da faculdade foi cercado por tanques e a fachada do prédio começou a ser metralhada. No momento em que o grupo paramilitar tenta incendiar a estrutura com os estudantes dentro, são impedidos pelo capitão de cavalaria do Exército e do Regimento Presidencial, Ivan Cavalcanti Proença, que arrisca a própria vida ao entrar nas salas de aula em meio ao início de incêndio, tiros e gás lacrimogêneo para ajudar os estudantes de direito. Após esse episódio o capitão Ivan Proença, mesmo sendo filho de um general do Exército, fica preso por nove meses no Forte de Santa Cruz. Posteriormente foi expulso das forças armadas e perdeu todos os direitos, patentes e carreiras devido ao seu gesto pelos estudantes. Em compensação, foi condecorado com homenagens como por exemplo a Medalha Chico Mendes do Grupo Tortura Nunca Mais e foi nomeado presidente honorário do CACO.

No Congresso de Ibiúna em outubro de 68 mais de 700 pessoas foram presas, entre elas as principais lideranças do movimento estudantil estando entre eles Luís Travassos (presidente da UNE e aluno de direito da PUC-SP, Vladimir Palmeira (um dos fundadores do PT), José Dirceu (Ex-Ministro-Chefe da Casa Civil), Franklin Martins (Jornalista político e ministro da comunicação social do governo Lula) e Jean Marc van der Weid (presidente da UNE e coordenador do Programa de Políticas Públicas da ONG Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA).

Depois de um período de desarticulação e inatividade da União Nacional dos Estudantes, inicia-se o processo de reconstrução da entidade, impulsionada pelas grandes passeatas de 76 e 77, ano em que foi realizado o III ENE (Encontro Nacional de Estudantes) na PUC-SP. Por se tratar de um encontro clandestino já que fora proibido pela ditadura, as tropas invadiram a universidade sob a liderança do Coronel Erasmo Dias. Dezenas de estudantes ficaram feridos e mais de 700 foram presos.

No decorrer dos anos 80, o movimento estudantil foi recuperando, lentamente seu lugar de importância na política nacional.

Contatos: babidantine@yahoo.com,

biamacruz@yahoo.com.br